

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

DIALOGISMO BAKHTINIANO EM ESAÚ E JACÓ¹⁰⁶

Ânderson Rodrigues Marins (UFF)
andermarins@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas e que se organizam no romance em um sistema estilístico harmonioso [...] (Bakhtin, 1988)

A escolha por uma das obras de Machado de Assis (1839-1908) ao tratarmos de ficção oitocentista, dá-se pela verdadeira importância do escritor e dispensa qualquer tipo de justificativa.

É notório que essa figura exponencial, afora o talento singular, soube preservar acima de tudo sua independência intelectual, sua integridade de caráter, assim como o distanciamento crítico, o qual lhe permitiu avaliar em perspectivas históricas os entraves à gênese de uma sociedade brasileira moderna, equilibrada e justa (Cf. Sevcenko, 2003, p. 303). E não obstante já ter sido muito discutida a vasta obra desse nosso expoente literário, *Esaú e Jacó*, em especial, ainda parece aguçar e desafiar constantemente a competência analítica e interpretativa do leitor. Assim é que, mediante sua leitura, busca-se analisar aqui essa valiosa obra literária à luz do dialogismo bakhtiniano.

ESAÚ E JACÓ SOB PONTO DE VISTA DIALÓGICO

Fundamentado nos estudos de Mikhail Bakhtin, o eminente Prof. Dr. Paulo Bezerra elucida em seu ensaio *Dialogismo e Polifonia em Esaú e Jacó*, que existe em todo texto literário um *autor pri-*

¹⁰⁶ A primeira versão deste trabalho foi apresentada ao Congresso Brasileiro de Escritores de Língua Portuguesa (Faculdade CCAA/RJ) e, por julgar necessário, fizemos, agora, alguns acréscimos e adaptações.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

mário ou *autor criador*. Este se nos apresenta como figura real, que está fora da estrutura da obra, e, ao criá-la, cria também a sua imagem, um *autor secundário*. O professor explica que o autor cria seres independentes, com os quais dialoga.

Diga-se que para Mikhail Bakhtin há o diálogo que se trava entre *autor primário* e *autor secundário* no interior de uma obra literária.

Segundo Bakhtin:

O nosso ponto de vista não afirma, em hipótese alguma, uma certa passividade do autor, que apenas montaria os pontos de vista alheios. (...) O autor é profundamente ativo, mas o seu ativismo tem um caráter dialógico especial. (...) Esse ativismo que interroga, provoca, responde, concorda, discorda etc. (*Apud* Bezerra, s.d.)

Quando o foco narrativo adotado é a 3ª pessoa a presença do autor se faz mais explícita, dado que Machado empresta sua voz a narradores que interpelam o leitor a todo o momento, que formulam digressões e ironizam o comportamento dos personagens da trama. Isto não quer dizer, porém, que a mesma interferência e diálogo estejam ausentes nos romances narrados em 1ª pessoa.

É importante lembrar que o “diálogo” bakhtiniano é entendido não apenas como aquele que ocorre entre duas pessoas quando frente a frente, “mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja”. Deste modo, o livro, com

Ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de forma ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal (críticas, resenhas, que exercem influência sobre os trabalhos posteriores, etc.). Além disso, o ato de fala sob a forma de livro é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor como as de outros autores: ele decorre, portanto, da situação particular de um problema científico ou de um estilo de produção literária. Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio etc. (Bakhtin, 1992, p. 123).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Em *Esau e Jacó*, não menos misteriosa que a “Advertência” é a epígrafe contida no capítulo I “*Dico, che quando l’anima mal nata...*”, repetida na passagem transcrita no capítulo XII, extraída da *Divina Comédia*, canto V, o *Inferno*, de Dante, com que Machado já introduz a estrutura dialógica do texto, ilustrando que a obra vai ser narrada sob uma concepção do alto (cristã).

Atente-se para o fato de que a comparação do verso original com o “verso truncado”, no capítulo XII, pode levar à conclusão de que muito pouco foi alterado, apenas a adição de uma vírgula. No entanto, o verso de Dante, pode-se lembrar, é chamado para perto do adágio popular “O que o berço dá só a cova o tira” (Assis, 1977, p. 29), fazendo crer, no contexto em que é invocado, o “Memorial”, que o verso é transformado em adágio, meio que para “rimar” com o outro, de caráter popular. Então, funcionariam como dois adágios, um de caráter popular e outro de caráter erudito, ambos para se dizer aproximadamente a mesma coisa. Segundo Paulo Bezerra, o significado espiritual e sublime da citação em italiano quer dizer:

(...) a alma mal nascida, aquela que, segundo a Bíblia, vem marcada pela desventura de haver transformado em mal o dom da vida oferecido por Deus, aquela alma que fará conviverem em um mesmo ser os princípios do bem e do mal e, assim, na qualidade de anjo caído, manter originariamente um pé no paraíso e o outro no inferno. (Bezerra, s./d.)

Este sentido estaria, na verdade, mais harmônico ao contexto original, *A Divina Comédia*, do que ao que é encaixado. Quanto a dizer que usaria o verso “truncado” de Dante como “epígrafe do livro, se eu lhe quisesse pôr alguma, e não me ocorresse outra” (Assis, 1977, p. 29), exemplifica velho truque de Machado: prometer fazer o que já foi feito.

Nesse penúltimo romance percebe-se que o escritor idealiza uma nova forma de narrar. Apresenta uma alegoria das disputas políticas brasileiras do seu tempo por meio da história de dois gêmeos ir-reconciliáveis (Pedro e Paulo são a capa da história política do Brasil – império e república, respectivamente) e estabelece um diálogo entre duas classes distintas (Natividade, Perpétua e a cabocla). Têm-se, assim, duas mulheres do alto, Perpétua e Natividade, que descem até o submundo social. Esta era burguesa – esposa de um banqueiro - e aquela, por sua vez, também pertencia a essa mesma classe.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Assim é que, dentro da estrutura ambígua do texto, uma senhora da alta classe social – Natividade – desse ao nível baixo da sociedade para solucionar e dar resposta a um fenômeno específico da cultura da qual faz parte e que esta não pode resolver (ambiguidade entre classes). Se não encontra solução na sua classe e não tem resposta para suas carências vai buscar no outro a resposta – dialogismo entre classes. Tem-se, assim, o encontro de duas culturas. Natividade precisa do outro para solução dos seus problemas, ela interage com o outro numa relação dialógica (eu e o outro).

Por conseguinte, é aberta uma fissura na mente daquela personagem em relação à afirmação de que seus filhos “serão grandes” (Assis, 1977, 12). Com efeito, o discurso, por mais preciso que seja, deixa sempre uma lacuna, isso representa uma essência na comunicação humana. O discurso tem sempre lacuna porque o meu conhecimento de mundo é um conhecimento parcial. Note-se que a cabocla tem o falar dobrado, bivocal, duplo (Assis, 1977, p. 13) para ela mesma, e para o interlocutor, com o intuito de convencer e agradar Natividade. Nessa relação, a voz menos débil conduz a um choque de consciência. Há o dialogismo com a voz menos débil, que é a que o completa. As vozes são uma luta de consciência que interagem no processo dialógico.

Segundo Bakhtin, não sendo representado apenas como falante, o homem que fala no romance

pode agir, [...] mas sua situação é sempre iluminada ideologicamente, é sempre associada ao discurso (ainda que virtual) a um motivo ideológico e ocupa uma posição ideológica definida. A ação, o comportamento do personagem no romance são indispensáveis tanto para a revelação como para a experimentação de sua posição ideológica, de sua palavra [...] (Bakhtin, 1988, p. 136).

Saliente-se que a ideia de um discurso o qual é a todo tempo atravessado pelo alheio, que traz no seu interior o outro, é um dos principais pontos do pensamento de Bakhtin e o fundamento da sua concepção dialógica da linguagem (Marinho, 2005, p. 235).

Vê-se ademais que o narrador de *Esau e Jacó* trava com o leitor um tenso e constante diálogo. Esta peculiaridade machadiana é evidente àquele legente que, já tenha tido um contato mais investigativo com outra obra de nosso escritor. Cite-se, à guisa de exemplo, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Esse “leitor incluso” na narrativa é ordinariamente apresentado como uma mulher – é bom lembrar que elas formavam a maioria do público leitor de romances na época – que lê de modo impaciente e fútil. O capítulo XXVII – “De uma reflexão intempestiva” -, de *Esau e Jacó*, é todo dedicado a esse diálogo. O narrador flagra reflexão de uma leitora hipotética sobre o que escrevera no capítulo anterior: “Mas se duas velhas gravuras os levam a murro e sangue, contentar-se-ão eles com a sua esposa? Não quererão a mesma e única mulher?”. Ao responder, o narrador imagina as restrições da leitora vulgar, impregnada do romantismo mais banal, à sua obra:

O que a senhora deseja, amiga minha, é chegar já ao capítulo do amor ou dos amores, que é o seu interesse particular nos livros. Daí a habilidade da pergunta, como se dissesse: ‘Olhe que senhor ainda nos não mostrou a dama ou damas que têm de ser amadas ou pleiteadas por estes dois jovens inimigos. Já estou cansada de saber que os rapazes não se dão ou se dão mal; é a segunda ou terceira vez que assisto às blandícias da mãe ou os seus ralhos amigos. Vamos depressa ao amor, às duas, se não é uma só a pessoa...’

Francamente, eu não gosto de gente que venha adivinhando e compondo um livro que está sendo escrito com método. A insistência da leitora em falar de uma só mulher chega a ser impertinente. Suponha que eles deveras gostem de uma só pessoa; não parecerá que eu conto o que a leitora me lembrou, quando a verdade é que apenas escrevo o que sucedeu e pode ser confirmado por dezenas de testemunhas? Não, senhora minha, não pus a pena na mão, à espreita do que me viessem sugerindo. Se quer compor o livro, aqui tem a pena, aqui tem o papel, aqui tem um admirador; mas, se quiser ler somente, deixe-se estar quieta, vá de linha em linha; dou-lhe que boceje entre dois capítulos, mas espere o resto, tenha confiança no relator destas aventuras.” (Assis, 1977, p. 45-6).

Não é apenas digressiva a atitude do narrador, afastando-se, por instantes, da linha narrativa básica, mas também metalinguística, pois, por meio da interrupção da leitora, acaba por comentar seu método compositivo.

A “leitora”, no entanto, antecipou, de fato, um aspecto importante da narrativa, que ainda estava por se desenrolar, o que demonstra que não era tão fútil assim. O narrador irrita-se com a “reflexão intempestiva” da leitora, mas essa digressão é usada com maestria por Machado de Assis para já se desculpar pelo lance melodramático que irá se seguir: Pedro e Paulo realmente ficarão apaixonados pela mesma mulher.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

PARA FINALIZAR

Com a análise do romance *Esaú e Jacó* sob a perspectiva bakhtiniana, pode-se travar oportuno contato com o preparo narrativo de uma das mais valiosas obras de Machado de Assis. Pode-se verificar, ademais, como são caracterizadas as linguagens dos personagens de diferentes grupos sociais, bem como a limiaridade dialógica existente ao longo de toda obra, o que permite que as palavras ditas sejam incorporadas, abrindo-se, assim, espaço para o diálogo (incorporar a voz do outro abre espaço para o diálogo).

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Machado de. *Esaú e Jacó*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1977.

AZEVEDO, Sílvia Maria. *Esaú e Jacó*: de rivalidades e progenitura. Disponível em

<http://www.pucsp.br/revistafronteiraz/n1/download/EsauJaco.pdf>

Acessado em 27/06/2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

———. *Questões de literatura e estética*. Trad. Aurora Bernardini, José Pereira Júnior e Augusto Góes Júnior. São Paulo: Hucitec, 1988.

———. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BEZERRA, Paulo. Dialogismo e polifonia em Esaú e Jacó. *Revista Brasileira de Literatura*. Acessado em 15/10/2005. Disponível em:

<http://www.rbleditora.com/seminário/livros.html>

MARINHO, Maria Celina Novaes. Transmissão do discurso alheio e formas de dialogismo em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. 2ª ed. rev. Campinas: UNICAMP, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.